

Aos 22 (vinte e dois) dias do mês de maio do ano de dois mil e dezoito, às 9:00 (nove) horas, na Universidade Federal do Sul da Bahia – UFESB, no prédio da Reitoria, situada na Rua Itabuna, s/nº, Rodovia Ilhéus-Vitória da Conquista, km 39, BR 415, Bairro Ferradas, Itabuna, Bahia, ocorreu uma Reunião Extraordinária *intercampi* com o Conselho Estratégico Social da UFESB – CES, com objetivo de discutir a estrutura e o funcionamento do CES, definir o processo de renovação do mesmo e viabilizar a participação do CES de modo mais efetivo dentro da UFESB. Participaram da reunião a Reitora, prof^a Joana Angélica Guimarães da Luz, a representante estudantil no CONSUNI Joanne Stella, os conselheiros José Carlos da Silva, o cacique Nailton Muniz Pataxó, Joelson Ferreira de Oliveira, Moane Vieira Sousa, Pedro Luiz Valli Cardoso, Ivanilda Fernandes Gomes Poiares, Flávio Reis Lima, Thaise Farias da Rocha, David Simões Soares e Maria Aparecida dos Santos. Tivemos como convidados a indígena Maria José Muniz de Andrade, a vice-decana do IHAC no campus Sosígenes Costa a prof^a Ângela Maria Garcia, a Diretora de Sustentabilidade e Integração Social, Valerie Nicolier e o Coordenador de Integração Social, Jorge Luiz Guimarães. A reunião teve a seguinte pauta: **1. Respostas das demandas do CES à nova Reitoria; 2. Discussão a respeito da estrutura e do funcionamento do CES: sugestões de alterações à luz do marco legal da UFESB; 3. Definição do processo de renovação do CES; 4. Formas de participação efetiva do CES na construção das políticas da Universidade: sugestões, possibilidades e viabilização de participação efetiva; 5. O que ocorrer.** Abriu a sessão, a Reitora, **prof^a Joana Guimarães**, cumprimentando a todos e apresentando os pontos de pauta e retomando de forma geral, algumas das solicitações surgidas no Fórum Social em 2015, como momento marco que deu origem ao presente Conselho Estratégico Social e suas demandas. Destacou a importância de se avaliar a estrutura e funcionamento atual do CES colocando à discussão as demandas trazidas pela sociedade principalmente dessa área da Região Sul Cacaueira com as quais a Universidade se comprometeu, levando em conta, contudo que a Universidade vai participar com a Integração Social em um trabalho conjunto com a comunidade. A Universidade não vai ser espectadora nem vai resolver os problemas da sociedade, mas sim em conjunto com a sociedade. Abordou a situação atual das Universidades Públicas Federais, no que se refere principalmente à utilização dos recursos, e atual falta de autonomia na gestão desses recursos. Explicou que antes a gestão dos recursos era feita pela própria universidade através do que era definido em um orçamento anual.

Agora o investimento fica no MEC e nós precisamos ir em busca do dinheiro. Há a perspectiva de que o recurso do PNAES fique também sob a gestão do MEC. Antes a Universidade funcionava com uma matriz criada pela ANDIFES – Associação Nacional dos Dirigentes das instituições Federais de Ensino Superior no Brasil, que leva em conta o número de alunos, a quantidade de cursos, quantidade de professores com doutorado, quantos alunos se formam anualmente, quantos alunos entram. A prof^ª Joana informou que foi feita uma Resolução que altera o que está no Estatuto e isso precisa ser organizado para que fiquem compatíveis e no caso se a Resolução atende mais às necessidades do CES então talvez o Estatuto precise ser alterado para ficar compatível com a Resolução. Outra questão abordada pela Reitora foi a forma de participação efetiva do CES na construção das políticas da Universidade. Colocou aos presentes que convidou o Reitor da Universidade Federal da Fronteira do Sul para compartilharem a experiência que têm com Conselho similar ao nosso, únicos nas universidades brasileiras. Em seguida, a Reitora passou à palavra à Diretora **Valerie Nicollier**, representante do Pró-reitor de Sustentabilidade e Integração Social da UFESB, que deu boas-vindas a todos os presentes. Relatou que realizou um trabalho junto com o Coordenador de Integração Social, Jorge Guimarães, fazendo um levantamento de tudo que aconteceu até agora com o Conselho Estratégico Social – CES. Consultaram o estatuto, a Resolução, todas as atas e pessoas que tiveram experiência com o CES ao longo desses 03 anos. Continuando, **Valerie** apresentou a primeira questão da pauta que foi sobre as demandas do CES surgidas no Fórum Social e explicou que das 39 (trinta e nove) demandas solicitadas, a UFESB estava buscando atender a 22 (vinte e duas), dentro das possibilidades atuais da Instituição e que novas alternativas estavam sendo pensadas para, pouco a pouco, atender a tudo. **Valerie** destacou que há muito interesse da universidade em fortalecer o CES em cada Campus para que fique melhor para atender as regiões envolvidas e que a UFESB estava buscando parcerias/recursos com instituições públicas e empresas privadas que fazem parte do território, destacando que vários acordos de cooperação estão sendo feitos para ter parcerias, como o caso do IFBA em Porto, trabalhando juntas com pesquisa, aqui há a UESC e a CEPLAC, com o Parque Tecnológico, com SENAI. Ressaltou que este é um processo lento, pois é preciso participar de projetos e conseguir financiamentos. Realizar visitas às comunidades dos três territórios através do CES itinerante (Estamos construindo uma agenda para tornar possível o cumprimento dessa

demanda). Em seguida, a Reitora, **profª Joana Angelica** ressaltou que a tecnologia amplia o ensino para cidades mais distantes pois a Universidade não tem condições de enviar professores diariamente para cidades diferentes. Pediu a palavra **Valerie Nicollier**, que ressaltou que a metodologia metapresencial requer uma mudança de cultura e exige do estudante mais autonomia para aprender. Solicitou a palavra a convidada indígena **Maria Muniz** que apoiou o que Joelson e o Cacique Nailton falaram, sobre o quanto é importante que a Universidade vá para as comunidades para que as pessoas da comunidade observem a importância de saírem de suas casas e irem para a Universidade e que seria importante preparar seu povo para entrar na Universidade pois não gostaria de ver seu povo entrando pela janela. **Valerie** pediu a palavra para continuar explanando as demandas. Pediu a palavra a **profª Joana** que explanou que a demanda referente à certificação dos mestres dos saberes é uma discussão que está sendo feita em diversas universidades, de como seria essa sistemática. Explicou que a Universidade pode elaborar um projeto e através desse projeto remunerar os mestres, mas isso não resolveria o problema. Solicitou a palavra **Maria Muniz** que falou de sua preocupação, que seria o fato de largarem suas atividades em casa, passarem um dia ou dois fazendo um trabalho dentro da Universidade, dando lições do dia-a-dia de seu povo, do jeito de ser de seu povo, de como é trabalhada a educação deles na comunidade e, no entanto, sente que não estão sendo ouvidos de maneira nenhuma, e deu como exemplo o que foi dito à Prefeitura de Pau-Brasil, de que não aceitam mais que façam de seu povo folclore e que não queriam mais ir à cidade quando se trata do dia 19 de abril, pois dia de índio é todo dia. Fizeram um trabalho na comunidade contando por que hoje são indígenas, embora muitos não os considerem. Ressaltou que em sua comunidade há uma educação diferenciada, uma outra forma de falar, que tem que se envolver com a educação de agora, mas que é preciso lembrar o passado, pois muitos ainda pensam que foi Pedro Álvares Cabral quem descobriu o Brasil por exemplo. Destacou que há várias nações ao redor, quilombolas e indígenas e que fica triste quando vem para a Universidade e ouve que ainda não há um meio de colaborar com esses mestres dos saberes que vêm falar do seu jeito de ser e por isso reivindicou uma solução para esta demanda. Com a palavra **Joelson Ferreira**, que explanou que eles criaram uma expectativa muito grande da Universidade, mas que não desejava falar só dessa primeira expectativa. Que o problema foi que seu povo não entendeu a mudança que estava acontecendo no mundo e dentro das Universidades. Continuou citando como

exemplo o que ocorreu em relação ao Banco do Brasil, relatando que seu povo lutou, fez uma “guerra” para ajudar a dar estabilidade no emprego das pessoas no serviço público e quando agora vão ao banco, os índios e os pretos, para serem atendidos, são humilhados, desrespeitados em seus direitos. Continuou explanando que o seu povo lutou por essas categorias corporativas e essas categorias não compreenderam a luta de seu povo e não ajudaram a fazer a evolução que deveria ser feita, de direito e de conquistas. Informou que citava como exemplo o BB mas que ocorreu isso com várias. Que a prioridade foi a questão do capital. Que estaríamos agora em uma crise sem precedentes e que essa crise se aprofundará e que a crise não pode influenciar no papel da Universidade junto com as comunidades e que é preciso colocar a certificação dos mestres dos saberes não somente como uma questão econômica, mas principalmente como uma forma de resguardar e conservar os saberes dos povos. Ressaltou então que a universidade junto com as comunidades precisam construir o perfil da universidade que desejam, uma universidade inclusiva, diferente das que sempre existiram na região, que forma estudantes de outras regiões do país, que depois vão embora. Recomendou discutir a universidade dentro das aldeias, dentro das causas pelas quais eles defendem. Isso não quer dizer que é para construir grandes estruturas dentro das aldeias, mas reaproveitar e utilizar o que já existe e tem nas comunidades. Alertou aos alunos cotistas a respeito de sua atuação dentro da UFESB, que eles vieram para a instituição não para serem meros ouvintes e expectadores, eles vieram para defender as causas do seu povo e voltarem para casa para dar resposta às comunidades. Sugeriu construir o próximo Fórum Social da UFESB dentro dos espaços da Instituição e ressaltou que a crise é uma oportunidade para evoluirmos. Com a palavra prof^a **Joana Guimarães**, que colocou sua satisfação com a fala de Joelson, pois acredita que é preciso pensar o CES como algo que discuta a Universidade de fato tendo em vista que sozinha não poderá resolver os problemas assim como considera a Universidade como um dos lugares mais conservadores que existem na sociedade pois considera a Universidade como o lugar em que a classe média se coloca como alguém diante do mundo do capital e a Universidade se considera a detentora do conhecimento e por isso há tantos egos dentro da Universidade. Ressaltou que acredita ser necessário mudar essa construção da Universidade, ela não é uma redoma de vidro, isenta dos males do mundo. Na Universidade tem gente conservadora, de direita, de esquerda, tem gente de os matizes dentro da Instituição. A reitora não pode chegar

lá e dizer o que vai acontecer pois porque as pessoas têm seus egos, têm sua forma de pensar, tem gente que é contra, tem gente que é a favor, tem gente que é contra cotas, que gente que é a favor. A Universidade é um reflexo da nossa realidade e a nossa sociedade é capitalista que não vai abrir mão de sua acumulação de bens. Grande parte dos jovens que chegam à Universidade vêm com uma perspectiva, construída pelo relacionamento com a sociedade, a de que querem se formar porque querem melhorar de vida, querem ter um melhor salário, querem ter um bom emprego. Ressaltou que a fala de Joelson diz o que ela também gostaria de dizer, que o Fórum Social tem esse papel a cumprir, um papel de trabalho em conjunto com a Universidade, mas que não vão conseguir as coisas só porque a Universidade quer, mas sim com muito trabalho, porque abordou a necessidade dos movimentos se organizarem e definir como e quando a universidade deve ir até estes e que os mesmos precisam se fortalecer, se organizarem dentro de suas bases, com seu povo, com a forma como vocês se organizam, todos os envolvidos dentro da área de abrangência da Universidade, empresários, indígenas, quilombolas, movimento dos sem-terra, dos assentamentos, de todas as formas de organização e que o CES deve se apropriar das demandas que surgiram do Fórum Social junto com a UFESB. Destacou ainda que a questão dos mestres dos saberes precisarem ser remunerados importa, mas o mais importante, o fundamental, é se fortalecer, primeiro dizer o que se quer para poder pensar na forma de fazer isso. Que o CES precisa se apropriar do Fórum junto com a Universidade e que é preciso pensar em como construir isso de forma conjunta e que pode acontecer de a Universidade não ter condições de oferecer transporte, alimentação, hospedagem e que o Fórum não precisa deixar de acontecer. Continuou colocando que o país está atravessando uma grave crise e esta tende a piorar e então é preciso pensar em uma forma de sobrevivência e que esta crise econômica que está acontecendo vem de uma crise política, de uma perspectiva do capital, que quer se manter e não abrirá mão de seus lucros. E que o fortalecimento venha para ter como cobrar o que se tem por direito, pois estes recursos são um direito da Universidade e das comunidades, não é um recurso que seja do Governo e que o CES precisa de fato ser um Conselho que trabalhe junto com a Universidade essas questões. Prof^a Joana continuou explanando, abordando a questão dos CUNI's , da Universidade se colocando em vários espaços, e que é preciso avaliar se os CUNI's serão homogêneos ou não, pois a mesma acredita que o CUNI de uma aldeia indígena, de um

assentamento, não pode ser igual ao do Colégio Jorge Amado, por exemplo. E que é necessário levar em consideração que as comunidades são diferentes entre si, que não seria a Universidade a dizer como vai ser a educação nessas comunidades e sim estas devem dizer como desejam, pois cada uma tem sua dinâmica, sua perspectiva, sua forma de organização, seus valores. Em seguida, pediu a palavra Maria Muniz, que explanou como foi trabalhar a realidade de seu povo quando começou o trabalho de professora na aldeia. Relatou que ensinou debaixo de pé de árvore, no chão, na beira de rio, em curral, em casa de farinha e nas casas dos pais pois eles não queriam enviar seus filhos para a escola então ela teve que ir ver como os pais estavam ensinando os seus filhos e que quando ela aprendeu o os pais queriam para seus filhos ela os convenceu a mandarem seus filhos para a escola. Continuou, colocando que a realidade de sua aldeia não era a realidade da comunidade de Joelson e que se a Universidade quisesse ir até à sua aldeia as portas estavam abertas, pois têm local para trabalhar, espaço para andar dentro das comunidades, e que se a Universidade quiser ir fazer um trabalho junto com eles vai se enriquecer muito, pois eles têm muita coisa para mostrar, muita história para contar. Ressaltou que o Fórum pode acontecer dentro do Assentamento de Joelson, dos Pataxó Hã Hã Hãe ou outros lugares, sem serem obrigados a saírem de Itabuna. Solicitou a palavra **Flávio Reis** que deu exemplo da escola de Teixeira de Freitas, Egídio Brunetto, que já foi para dentro da Universidade e a Universidade também já foi para dentro dela. Ressaltou a fala de Joelson e Maria Muniz, no sentido de que são os movimentos que têm que convidar a Universidade pois a Universidade não pode saber o que está acontecendo dentro dos movimentos a não ser que informem a ela. Convidou a todos para nos dias 29 e 30 irem para o Encontro Frente de Comercialização Regional Extremo Sul, do MST e ressaltou que esta seria uma forma de divulgar mais a Universidade na Região. Sugeriu divulgar mais a Universidade nas rádios, panfletos, ir nas escolas de ensino médio de Porto Seguro, Itabela, Belmonte, Teixeira, mostrando a Universidade às escolas públicas assim como ao povo da zona rural, das aldeias, da periferia, que não sabem que existe a Universidade e sugeriu que poderiam expor em barracas, na Universidade, pelo menos uma vez por mês para expor seus produtos indígenas e orgânicos para que os estudantes os conheçam e vejam quais são os métodos de agroecologia que utilizam para trabalhar a terra e convidou os presentes a comparecerem ao "Encontro Territorial de Agroecologia do Extremo Sul", que acontecerá entre os dias 13 e 14 de junho. Pediu a palavra Moane Vieira

para relatar que vivem momentos angustiantes, mas que também fica esperançosa, que a Universidade sempre foi um sonho para eles. Que antes lutavam para ter a Universidade e que agora lutam para que a Universidade mantenha seu projeto de Universidade participativa e inclusiva. Ressaltou a dificuldade em compreender a dinâmica dos Conselhos e que como conselheiros devem pensar em seus papéis de Conselheiros e Conselheiras. Observou que temos a responsabilidade de divulgar a universidade nos espaços que ainda a desconhecem sua política e estrutura, como por exemplo nos campos, onde há pessoas que terminaram o Ensino Médio e não deram continuidade a sua formação. Disse ainda que não basta apenas realizar reuniões, mas fortalecer o CES indo aos espaços como universidade, apresenta-la por exemplo às câmaras de serviços públicos maiores. Ressaltou que alguns membros do CES ainda precisam de apoio do transporte da UFESB e que é preciso criar alternativas para amenizar, pensar os desafios, mas sugere reuniões itinerantes para que a universidade conheça as comunidades. Explanou que como representantes da sociedade têm a obrigação de fazer parte da Universidade pois ela é pública, do povo, de todo mundo. Continuou explicando que as instituições passam por vulnerabilidade econômica, mas que precisam pensar esses desafios, dentro da Universidade e das organizações de classe que representam e dar o espaço que a Universidade merece. Solicitou a palavra **Ivanilda Fernandes** que iniciou destacando que uma das solicitações que fizeram no Fórum foi a Formação de Professores, porque estão em uma região em que boa parte dos professores de Fundamental I e II têm pouca formação e solicitaram também a formação acadêmica, as especializações. Explanou que já estão fazendo Mestrado ela e mais doze pessoas da região de Porto mas que outro mestrado foi aberto e a procura foi bem pequena e que enquanto Conselheiros teriam que pensar que talvez não estejam cumprindo bem seus papéis e divulgar a Universidade e que nesse momento estão fazendo um trabalho de extensão, de formação, de professores de Fundamental II em Santa Cruz de Cabralia, trabalhando a formação dos professores nas questões étnico-raciais. Ressaltou que os alunos precisam ser melhor preparados para entrar na Universidade e que isso só será possível com a melhor preparação dos professores e por isso solicitou que a Universidade pense mais na formação de professores. Destacou que pensa que a melhor maneira de divulgar a Universidade seria contar com a Secretaria de Educação e as prefeituras que podem ser grandes parceiras, sobretudo na formação continuada dos professores do ensino fundamental I e II. Solicitou a palavra **David Simões**

que ressaltou também a importância de reuniões itinerantes, que dependem muito da Universidade lhes dar apoio e solicitou apoio da UFESB para que o CES possa se manifestar externamente, como nas câmaras de vereadores, nos colégios ou distritos enquanto conselheiros, porque eles não podem falar em nome da Universidade. Consideram-se voluntários e querem propostas para que a universidade seja do povo e para o povo. Ressaltou que querem divulgar a Universidade através de cartazes, panfletos, rádio, TV e pelas redes. Destacou que podem convidar pessoas de Caravelas, mas que precisam de representantes da Universidade, que já estão buscando parcerias para essa parte de transporte, diárias e alimentação para trazer pessoas de locais mais distantes e que as reuniões itinerantes são importantes para ir para perto do povo, para que o povo acredite na Universidade, que ela existe e quer fazer pelo povo. Com a palavra, **Thaise Farias**, representante do MST, solicitou a palavra para colocar que é preciso discutir o papel que o CES está desempenhando e o que os Conselheiros se propuseram a fazer quando se assumiram esse papel. Acrescentou que cada Conselheiro é um propagador da Universidade, mas que também gostaria de saber das mudanças que estariam acontecendo na instituição, devido também ao fato das reuniões serem muito esporádicas e perguntou por Dimas e Elza, por exemplo, pois ficou sem entender porque não estariam mais já que os acompanhava desde o início. Ressaltou, contudo, que Renata os recebeu muito bem e que apenas gostaria de saber o porquê das mudanças. Continuou ressaltando as funções dos Conselheiros, principalmente o de divulgar a Universidade. Que é preciso os Conselheiros como Universidade se aproximem mais das comunidades citando como exemplo a função do Conselheiro em lutar pela formação continuada dos educadores mudando o quadro da educação da região, além de buscar aproximar estudantes e educadores desse espaço, que é um espaço coletivo. Continuou explanando, dando como exemplo o mestrado da UFESB, que foi lançado e teve baixa procura, um mestrado federal nessa região, e citou Moane que destacou bem que seria um Mestrado do que considera nossa Universidade e que não há procura por problema de divulgação e ressaltou que precisam se afinar mais enquanto Conselho, enquanto Universidade, dentre todas essas questões, principalmente dessa divulgação, porque senão acontecerá o que Flavio falou, que irão se formar na Universidade pessoas de fora, que fizeram um Ensino Médio melhor e que serão melhores professores enquanto os daqui ficariam defasados. Continuou destacando que se o Educador daqui não

consegue ter acesso à Universidade mais difícil será para o educando. Sugeriu então que precisam ser mais presentes nas escolas desde o infantil, para a criança crescer conhecendo a Universidade, sabendo que haverá espaço para ela estudar quando estiver maior e divulgar principalmente no Ensino Fundamental II e no Médio, para que os meninos desenvolvam esse desejo. Continuou a palavra, ressaltando que, como Joelson falou, é preciso não deixar de fora o povo das comunidades e que é por isso que brigam e defendem tanto os CUNI's para que o povo, as comunidades não fiquem de fora da universidade. Que estão cientes do novo golpe, que sabem que os recursos da educação estão congelados e que essa nova maneira de atuação do MEC será muito ruim para as comunidades e a divulgação da Universidade é fundamental entre as comunidades pois o povo não vai lutar pelo que não conhece e que conhecendo vão fazer da Universidade sua casa e lutarão por ela. **Valerie Nicollier** solicitou a palavra informando que daria continuidade à pauta e que tudo que falaram contribuiu significativamente para o quarto ponto, que seria discutir as contribuições do CES para construir a Universidade junto com a Gestão, de como seria a questão da estrutura do CES e de como ele deveria ou poderia ser renovado e como esses pontos seriam pensados para caber na revisão Estatutária que está sendo feita e explicou que não seria necessário realizar o Fórum para eleger os novos representantes. Pediu a palavra **Jorge Guimarães**, para esclarecer que na nova proposta para o CES haverá representantes por Campus, titular e suplente, de cada segmento, não mais titular e suplente de segmentos diferentes pois pelo Estatuto só tem voz o titular e isso deixa de fora outros segmentos, e deu como exemplo o caso do Cacique Nailton, representante dos indígenas, que é titular e sua suplente Tidinha, que é representante dos Quilombolas e que cada um tem uma realidade e necessidade diferente e um não poderia responder pelas perspectivas e realidade do outro. Pediu a palavra a **Profª Joana Guimarães** que sugeriu por necessidade de mais tempo para discutir essas questões, que essas reuniões itinerantes ocorram no período de pelo menos uma semana em cada Campus, podendo ser em mais de um município, da comunidade do Extremo Sul, para ouvir as diversas comunidades, tomarem decisões com base no que é consenso e no que não é consenso. Colocou que ela vai se programar para estar presente em algum momento dessas reuniões itinerantes e que não ficaria todo o tempo acompanhando tudo em virtude dos compromissos já agendados. Sugeriu que poderiam fazer reuniões em pontos do território e depois fazer a reunião do CES daquele território, já com questões

sistematizadas. Informou que a Universidade está modificando a Assessoria de Comunicação Social – ACS e que há assumir uma professora com grande experiência em Assessoria de Comunicação de movimentos sociais, o que seria um ponto muito positivo e que vão providenciar preparar material de divulgação da Universidade para que tenham com o que trabalhar a divulgação da Universidade. Deu como exemplo de consequência disso o fato de que este ano sobraram muitas vagas em alguns cursos, o que mostra que muitos jovens ainda estão sem buscar a Universidade. Ressaltou a importância de verificar os locais onde os CUNI's seriam instalados e de como estes seriam instalados, a conectividade das redes, o espaço físico disponível, buscando parcerias com as Prefeituras para instalarem e manterem os CUNI's onde são solicitados, verificando a possibilidade de por exemplo contratarem um Assistente Operacional, da cidade, para dar esse apoio logístico, viabilizar o acesso à internet neste local. Destacou que a Universidade está procurando esse apoio e que isso não significa que a Universidade não dará mais apoio logístico mas que a mesma está buscando parcerias para que o trabalho não pare e que é necessário fazer uma discussão para se fazer uma proposta em conjunto. **Joelson Ferreira** pediu a palavra para sugerir incluir como segmento Agricultor / Agricultora Agroecológico. Propôs que a discussão seja de base, indo nos territórios e discutindo a importância do CES. Sugeriu que a Universidade passe o resto do ano fazendo visitas nos seus territórios de abrangência e que os movimentos também discutam a importância do CES para este movimentos. Sugeriu que sejam indicadas pessoas que estão no processo de luta, que participam na construção da universidade e discutindo a universidade. Solicitou a palavra a prof^a Joana Guimarães que ressaltou que é preciso estar atentos à participação dos representantes no CES para que essa participação seja efetiva. E que essa questão da presença seja colocada no Estatuto, no sentido de que as comunidades indiquem outros representantes em caso de muitas faltas. Em seguida, pediu a palavra o **Cacique Nailton** que relatou que ao ser eleito para representar os povos tradicionais colocou a posição dele, de que precisava de condições, que precisava conhecer todas as áreas, de que precisava ter nas mãos o diagnóstico da situação de todas as áreas, não só a indígena, mas a quilombola também e que essas condições nunca apareceram e que ao retornar para sua comunidade para falar dos planos do CUNI, por exemplo, acabou passando por mentiroso pela sua comunidade pois saía das reuniões da Universidade, voltava para a comunidade e relatava como seria daquele momento em diante mas que nada aconteceu.

Continuou explanando que isso não poderia continuar a acontecer, que a Universidade precisa realizar visitas ao Povo indígena Pataxó, em Pau-Brasil, sugerindo que a universidade poderia fazer um levantamento de onde as escolas poderiam ser construídas nessas comunidades. Pediu o apoio da universidade no sentido de fazer os projetos pois acredita que isso liberaria recursos pois não acredita que seria possível haver liberação de recursos sem projeto. Continuou a palavra questionando se o projeto para incluir os povos indígenas na Universidade teria sido apenas para abrir a Universidade, pois vê que os povos tradicionais estariam ficando de lado, sendo usados apenas para fortalecer e somente isso. Continuou descrevendo sua realidade de cacique, de que o trabalho dele era muito sério e que foi eleito Cacique para trabalhar para reconquistar o território para a comunidade dele e que isso teria sido feito. E que saía das reuniões da Universidade todo alegre, chegando na sua comunidade dizendo que iam ter escola, Universidade, que o seu povo não precisaria mais sair de sua comunidade para estudar e não houve retorno. Destacou que espera que a política interna da Universidade não prejudique o que já foi feito e que desejam ajudar para fazerem esse trabalho junto com a Universidade, pois o país não estaria em uma crise econômica e sim política e que era preciso união para ir para Brasília, se necessário, com 10 ou 12 ônibus, mostrar o projeto e buscar recursos. Ressaltou que a Universidade precisa esquematizar tudo esse resto de ano para que no ano que vem comecem algo na comunidade senão não poderia mais vir para a Universidade se expor e depois chegar na comunidade dele e falar do que foi conversado se não vai realizado. Ressaltou que as comunidades precisam também se organizar e reivindicar seus direitos junto ao MEC e convidou a todos para o Encontro de Pajés nos dias 24 a 27 de maio de 2018. Em seguida, pediu a palavra **Joanne Stella** que sugeriu a participação de representante dos movimentos sociais estudantis da juventude dos centros urbanos para compor o CES e se possível, membro de outra IES, porque precisam dessa força. Continuando a reunião, **Moane Vieira** pediu a palavra e relatou a experiência vivida quando da mobilização para a formação do Comitê das Bacias Hidrográficas, tendo sido a primeira vez em 2010, com vários mobilizadores por região e nos dias de plenárias tinham ônibus para levar os participantes mas que em 2016 tiveram uma perda muito grande no segmento pois só houve um mobilizador para toda a região e não houve transporte, que compreende que nos movimentos as pessoas contribuem mas por falta de comunicação não foram e sugeriu que o CES precisa

planejar e pensar qual será a logística necessária para reunir o novo segmento, pois onde há apoio se consegue fazer a mobilização e sugeriu potencializar a inserção da Agroecologia. Convidou a todos para o 1º Encontro Territorial do Extremo Sul da Bahia. **Davi Simões** pediu a palavra para apoiar a sugestão de que cada segmento tenha seu representante por Campus, até mesmo por causa de problemas de deslocamento também. Em seguida **Maria Aparecida (Tidinha)** pediu a palavra e explanou que no 1º Fórum ela disse que a região não seria mais a mesma e a proposta de inclusão encheu muito os olhos deles e que ela acredita nessa proposta e ainda acredita pois ela ainda existe. Explicou que como representante dos Quilombolas não tem condições de atender às treze comunidades Quilombolas da região dela e que por isso precisa da ajuda da Universidade. Relatou que na comunidade dela conseguiram fazer um bom trabalho e que a comunidade quilombola ainda acredita que a Universidade pode abraçar sua causa e que há, hoje, na UFESB, 08 (oito) alunos quilombolas e que criaram um pré-vestibular próprio, com voluntários para preparar mais os alunos para entrarem na Universidade e abordou a importância de a UFESB não perder sua característica, a de abraçar as comunidades a que se propôs, desde o início e apoiou a ideia da nova CES que acredita que seja melhor. Continuando, **Pedro Luiz Valli** pediu a palavra e informou que apoia a nova composição do CES e sugeriu que se incluía nos segmentos alguém do Ministério Público e da Segurança Pública que trabalhem com jovens em situação em condições de maior fragilidade. Sugeriu também que se faça as eleições dos novos representantes do CES em algum evento que torne possível a reunião desses membros das comunidades nas mesmas reuniões que explicam sobre o CES, a sua missão e a responsabilidade do representado e que o chamado seja feito pela Universidade para que tenha mais credibilidade e não fique difícil para os atuais Conselheiros ficarem sob a responsabilidade de realizarem essas eleições. Solicitou a palavra a professora **Joana Guimarães** para esclarecer que a Universidade vai organizar a forma e o momento das eleições para o CES, de maneira a levar em consideração os detalhes importantes. Apoiou a sugestão de Joannes para incluir no segmento representante dos movimentos sociais estudantis da juventude dos centros urbanos pois considera importante a representação estudantil ressaltar seu trabalho político e que iriam verificar a inclusão da participação de membro de outra IFES como segmento também. A prof^a Joana continuou pontuando que será discutido como se dará a logística e a operacionalização da nova proposta do CES, como

será a participação e periodicidade do Conselho no CONSUNI, o tempo de duração dos seus representantes, a formação dos novos CUNI's e como buscar parcerias para melhorar as condições dos CUNI's já existentes e a necessidade de treinar pessoas para dar assistência operacional nos locais acompanhando os alunos em suas dificuldades. Concluiu pedindo apoio aos movimentos para que atuem como parceiros nas comunidades e para que cobrem apoio do poder público. **Valerie Nicollier** pediu a palavra para se colocar à disposição para dialogar e receber sugestões e demandas para a formação do novo CES pois a Universidade conta com o apoio dos Conselheiros e que os mesmos ocupem o espaço que têm na Universidade. **Jorge Guimarães** pediu a palavra para colocar-se à disposição estando atentos às demandas das comunidades e informou que vai reorganizar a agenda da Coordenação de Integração Social para atender à ida aos territórios. A **Profª Angela Maria Garcia** pediu a palavra e ressaltou a importância da divulgação da Universidade, assumindo o compromisso de estar mais junto ao CES. A Diretoria **Valerie Nicollier** perguntou se mais alguém gostaria de fazer uso da palavra e agradeceu a presença de todos. Como nada mais houvesse a ser dito foi encerrada a reunião e a presente Ata, que após lida e achada conforme vai lavrada por mim, Luciana Rosa Batista, Secretária Executiva da Diretoria de Sustentabilidade e Integração Social e demais participantes da reunião. Itabuna, 22 de maio de 2018.